
O fundamental e o controverso

Edison Bariani

“Peça a 50 pessoas uma relação dos 50 sociólogos mais importantes e você terá 50 listas diferentes – bem, quase”, assim, John Scott (2007: 10), professor de Sociologia da Universidade Essex, Inglaterra, expressa a indefectível controvérsia que sempre ronda as escolhas numa lista dos principais autores numa área, no caso, a Sociologia e seus “sociólogos fundamentais”.

Scott elaborou uma lista inicial e a submeteu aos seus colegas professores de Sociologia de várias universidades inglesas, os quais elegeram alguns, vetaram outros e ainda acrescentaram outros. O resultado é apresentado em *50 sociólogos fundamentais*, obra na qual vários intelectuais – dentre eles Robin Blackburn, Richard Bellamy, Donald N. Levine, Thomas Luckmann e o próprio John Scott – apresentam brevemente a vida e a obra dos sociólogos eleitos, bem como uma seleta bibliografia contendo as principais obras dos autores (a tradução brasileira traz as edições disponíveis em português, mormente no Brasil) e algumas sugestões de textos de comentaristas.

Edison Bariani é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, Araraquara (SP), e bolsista da Fapesp (edsnb@ig.com.br).

O recenseamento é interessante, porém um tanto amargo para nós brasileiros: muitos dos autores são solenemente ignorados no Brasil (principalmente no ensino universitário de sociologia) e cerca de metade deles não teve sequer uma obra aqui traduzida, embora haja alguns lapsos no levantamento.¹

Os sociólogos eleitos são apresentados cada qual, sinteticamente, em poucas páginas, o que não inviabiliza a possibilidade de mostrar suas principais contribuições, atualidade e alguma crítica. O autor, entretanto, adverte que o livro não trata da teoria social clássica, mas da teoria social *fundamental*, ou seja, um leque de autores – abrangendo desde o século XIX até a primeira metade do século XX – que “contribuíram para a formação de um corpo distinto de teoria social e de pesquisas sociais no período em que a Sociologia e outras ciências sociais se estabeleciam como disciplinas distintas” (Scott, 2007: 9).

Na plêiade aventada constam ativistas e teóricos *stricto sensu*, autores de obras acadêmicas e de intervenção social direta; já quanto à nacionalidade, são ingleses (11 autores), estadunidenses (11), alemães (9), franceses (8), italianos (3), poloneses (3), húngaros (2), russo (1), sueco (1) e austríaco (1). Um certo toque de “correção política” fez incluir autores menos conhecidos, representativos de grupos marginalizados, como os sociólogos negros W. E. B. DuBois e Oliver Cox, e as sociólogas Jane Addams, Helen Bosanquet, Harriet Martineau e Beatrice Webb – Alva Myrdal, esposa de Gunnar Myrdal, embora não ocupe um “verbete” próprio, divide os méritos com o marido.² Assim, é nítido o peso da pressão social, mormente feminista, na eleição dos nomes. Por outro lado, o etnocentrismo também cobrou sua parte: um grande número dos sociólogos é de língua inglesa – dos EUA ou da Europa – e uns raros do leste europeu.

Não obstante as escolhas do autor, obviamente, alguns reparos à lista poderiam ser considerados. Há sociólogos cujas contribuições à consolidação da Ciência Social como disciplina autônoma não

são fundamentais (como Helen Bosanquet, mais próxima da assistência social). Outrossim, poder-se-ia incluir outros tantos no rol sem prejuízo da qualidade e dos critérios, como: Saint-Simon, A. Quételet, Stuart Mill, F. Engels, N. Danilevsky, Gustav Ratzenhofer, Alfred Fouillée, Gustave LeBon, Novicow, Guillaume de Greef, Gustav von Schmoller, S. Sighele, Sidney Webb, James Frazer, René Worms, Celestin Bouglé, Patrick Geddes, Robert Park, W. I. Thomas, Leopold Von Wiese, Hans Freyer, Franz Oppenheimer, Franklin Giddings, Alfred Vierkandt, L. Lévy-Bruhl, Robert Michels, Charles Ellwood, N. Bukharin, Theodor Litt, Paul Fauconnet, Ernest Burgess, Eduard Ross, Emory Bogardus, William Ogburn, Siegfried Kracauer, Alfred Weber, Morris Ginsberg, Louis Wirth, Melville J. Herkovits, Franz Boas, Robert MacIver, Margaret Mead, Robert Redfield, Max Horkheimer etc.

A fidelidade aos critérios propostos fica um tanto nublada com as inclusões de autores demasiado importantes, mas sem comprometimento direto com a Sociologia como ciência, como Sigmund Freud e Ferdinand Saussure, e, ainda, com as de autores fundamentais para as ciências humanas, mas que se postaram frontalmente contra a Sociologia como ciência privilegiada do social e mesmo fizeram críticas diretas a essa pretensão: Georg Lukács e Antonio Gramsci.³

Malgrado todas as (inevitáveis) controvérsias em relação aos critérios e autores escolhidos, é inegável o interesse da obra de John Scott em fazer um balanço da Sociologia e sua atribulada construção como ciência. Por fim, resta-nos um certo desconforto ao cotejarmos o leque de autores presentes no livro com o ensino e a pesquisa de Sociologia no Brasil, nos quais nota-se alguma pobreza teórica, evidenciada na recorrente utilização de uma dúzia de autores que servem (mal) aos mais diversos fins. Desse modo, persistimos não só relegando uma rica tradição nacional em favor de um cosmopolitismo ingênuo, mas também subutilizando a própria diversidade de autores estrangeiros.

SCOTT, John (org.). *50 sociólogos fundamentais*. Tradução Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Contexto, 2007, 221 p.

Notas

¹ Como exemplo, podemos citar obras de Alfred Schutz, Max Scheler, Ferdinand Tönnies, Gabriel Tarde e Georg Simmel que já possuem edições nacionais, ao menos parciais ou de coletâneas, o que não é mencionado no livro.

² Curiosamente, Sidney Webb consta apenas como um colaborador no “verbete” dedicado a Beatrice Webb.

³ O caso de Freud é também aqui considerável embora haja notoriamente uma análise da vida social na obra desse autor (*O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização, Totem e tabu, Moisés e o monoteísmo*), não há garantias de que tal análise seja congruente com a idéia de Sociologia como ciência do social. Se aceito tal critério de influência na formulação de explicações sociais, nada impediria que fossem incluídos também autores de reconhecida relevância, como W. Dilthey, H. Bergson, Rickert, Ortega y Gasset e outros. Numa outra chave, quanto à importância da intervenção social, Scott menciona alguns autores comprometidos com a assistência social e a reforma moral da sociedade, relegando outros que – no campo da transformação social – aí certamente teriam lugar: V. Lênin, L. Trotski, Georges Sorel etc.